

COMUNIDADE

APAC EM BELO HORIZONTE

Como apoio da PUC Minas, unidade no bairro Gameleira é a primeira em uma capital brasileira e única feminina da Região Metropolitana | **Fernando Ávila**

1972. Nasce em São José dos Campos (SP), por iniciativa de um grupo de voluntários, a Apac. Na época, a sigla significava Amando ao Próximo Amarás a Cristo. Mais tarde é constituída juridicamente como Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, nome com a qual é conhecida até hoje.

De lá para cá, a entidade cresceu, consolidou sua metodologia, e atualmente conta com 53 unidades no país. Minas Gerais é o Estado com o maior número. Uma delas, a de Santa Luzia, foi fundada em 2006 por meio de parceria com a PUC Minas, a Arquidiocese de Belo Horizonte e o Instituto dos Irmãos Maristas. “A PUC Minas, desde a concepção, tem uma participação muito ativa. O projeto arquitetônico da Apac Santa Luzia foi elaborado pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo”, conta a professora Fernanda Simplício, coordenadora do programa de extensão *(A)penas*

Fotos: Raphael Calixto



A professora Fernanda Simplício, coordenadora do programa de extensão *(A)penas Humanos*, que desenvolve diversas atividades na Apac

Humanos, que desenvolve diversas atividades interdisciplinares na Associação, com o objetivo de contribuir para a efetivação e aperfeiçoamento da política pública do método.

Quarenta e oito anos depois da fundação, é inaugurada no final do ano passado, também com o apoio da Universidade, a Apac de Belo Horizonte, a primeira em uma capital brasileira e única feminina da Região Metropolitana. O novo Centro de Reintegração Social ocupa uma área de 5.000 metros quadrados, no bairro Gameleira, vizinho ao Coração Eucarístico, região Noroeste. Para a professora Fernanda, a localização próxima irá facilitar o acesso da comunidade acadêmica e o trabalho com as famílias das recuperandas, como são chamadas as presas na Apac. “Desde que esse projeto tomou corpo, há dois anos, a PUC foi convidada a participar do conselho deliberativo e a traçar um plano de trabalho para ser desenvolvido junto a esta Apac”, explica a professora.

A Apac é uma entidade civil dedicada à recuperação e à reintegração social dos condenados a penas privativas de liberdade. O objetivo é promover a humanização das prisões, sem perder de vista a finalidade punitiva da pena. A taxa média de reincidência é de apenas 15%, enquanto que a do sistema prisional comum é de 80%.

Apesar da inauguração, a entidade ainda aguarda liberação da Secretaria de Estado de Segurança Pública para iniciar a ocupação, projetada para receber 150 recuperandas, conforme conta o presidente da Apac Belo Horizonte, Marcelo Gonçalves da Costa. “A perspectiva, nesse contexto, é de as primeiras vagas serem preenchidas por mulheres que, dentre outros critérios, possuem vínculos familiares na comarca de Belo Horizonte e que já estejam cumprindo pena em Apacs no interior do Estado”, afirma. De acordo com ele, um conjunto de fatores, aliados à vontade política, contribuíram para a construção dessa nova unidade.



Avaliação psicológica

Por ser parceira da Apac, a Universidade realizou, entre novembro e dezembro do ano passado, avaliação psicológica dos candidatos às vagas na unidade, mobilizando vários alunos e três professores. Segundo a professora Fernanda Simplício, 150 candidatos passaram por esta etapa do processo seletivo, que visou selecionar ao todo 21 funcionários, para cargos como o de tesoureiro, secretário, segurança, estagiários, entre outros.

“O processo de seleção de funcionários da Apac/BH surpreendeu a todos, principalmente pelo seu gigantismo. Sem a participação efetiva do corpo docente e discente do Curso de Psicologia da PUC Minas não atingiríamos o sucesso que ele alcançou”, elogia Costa.

Por se tratar de uma unidade feminina, a professora Fernanda explica que o trabalho será adaptado às particularidades desse público. Na visão dela, a mulher é muito mais socialmente condenada quando comete algum crime do que o homem. “O que a gente possui de registro das experiências com presídio feminino é que a família se afasta da mulher, diferentemente da prisão masculina, que no dia da visita está lotada de mulheres, mães, esposas, companheiras. Que-

remos pensar em ações que possam fortalecer o vínculo da família com as mulheres privadas de liberdade”, conta. De acordo com ela, serão três eixos de atuação: recuperandas, família e comunidade. As ações terão início com os cursos de Psicologia e Direito e envolverão também a pós-graduação.

A aluna do mestrado em Direito da PUC Minas Vanessa de Sousa Soares, de 27 anos, conta que atuou no programa *(A)penas Humanos* durante dois anos,

“O processo de seleção de funcionários da Apac/BH surpreendeu a todos, principalmente pelo seu gigantismo. Sem a participação efetiva do corpo docente e discente do Curso de Psicologia da PUC Minas não atingiríamos o sucesso que ele alcançou”

Marcelo Gonçalves da Costa, presidente da Apac Belo Horizonte

quando cursava graduação em Direito. Sob supervisão docente, realizava atendimentos jurídicos, acompanhava a execução penal, analisava os atestados de pena e verificava se havia direito a algum benefício. Em 2019, conta que regressou ao programa como aluna da pós-graduação, e hoje também desenvolve atividades de supervisão. “Tenho certeza que essa oportunidade mudou completamente o destino da minha vida acadêmica e profissional”, afirma.

Relação com a comunidade

O presidente da Associação de Moradores do bairro Coração Eucarístico (Amocoreu), Cassius Marcellus, conta que tomou conhecimento sobre a construção da Apac na Gameleira por meio de uma jornalista. Segundo ele, tão logo a informação começou a circular, a Associação recebeu muitas mensagens de preocupação e irritação da comunidade. “Um fator que chamou atenção de forma muito negativa foi o fato de a construção ocorrer sem nenhuma informação antes do início e nem durante a construção. E ainda pior: não havia nenhuma sinalização no local sobre as obras que estavam acontecendo”, afirmou.

Perguntado sobre as queixas da comunidade em relação à falta de comunicação, o presidente da Apac Belo Horizonte afirmou que as questões relacionadas ao sistema prisional tendem a ser carregadas de uma carga de dificuldades, especialmente assentada no preconceito cultural da própria comunidade. Apesar disso, ele defendeu: “O exercício de um trabalho sério, em interação com a própria sociedade, é um grande aliado na superação dessa resistência, na medida em que apresenta a comunidade como uma beneficiária direta da obra”.